

NOSSOS CLÁSSICOS

A GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA COROLÓGICA DA SUPERFÍCIE TERRESTRE¹

[Die Geographie als chorologische Wissenschaft der Erdoberfläche]

ALFRED HETTNER

A. Essência da concepção corológica

A investigação histórica da Geografia como ciência nos ensinou que em todos os períodos ela foi o conhecimento dos diferentes espaços terrestres ou, conforme a expressão cunhada na Antiguidade, Corografia ou Corologia, e que no decorrer do tempo apenas o tipo de investigação mudou com o progresso [p. 122]² do conhecimento científico. Ainda que na Antiguidade sejam duas as direções da Geografia que caminhavam lado a lado, cujos últimos grandes representantes são Ptolomeu e Estrabão, ambas são corológicas e diferenciam-se apenas pelo fato de que uma acentua mais a fixação matemática e a produção de um mapa correto,

¹ O presente texto faz parte de um projeto de tradução da obra de Hettner – *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden* (“A Geografia, sua história, sua essência e seus métodos”. Breslau: Ferdinand Hirt, 1927) e está dividida em 9 “livros” (que são na realidade capítulos). O segundo contém ainda, além do terceiro subcapítulo aqui traduzido, os subcapítulos “(1) O sistema das ciências”, “(2) É possível uma Ciência Geral da Terra?”, “(4) As áreas de conhecimento da Geografia e sua relação com as ciências naturais”, “(5) Geografia estética e geografia como arte” e “(6) Geografia prática”. A tradução é de Leonardo Arantes, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense e professor temporário da Universidade Federal Fluminense – UFF/Angra dos Reis, com o apoio do Prof. Dr. Wolf-Dietrich Sahr, doutor em Geografia pela Universidade de Tübingen e professor adjunto da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Todas as observações feitas pelos tradutores virão seguidas de (N.T.), as demais notas são do próprio autor.

² Colocamos entre colchetes o número da página indicando o início da página conforme a paginação da publicação original. (N.T.)

enquanto a outra visa a natureza e os habitantes das regiões [*Länder*]³. O mesmo vale para a Idade Moderna; a Geografia é direcionada corologicamente, ao lado dela encontram-se a Geofísica e a Geologia.

Aqueles metodólogos que não perderam a conexão com o desenvolvimento da ciência sempre destacaram em primeiro plano o ponto de vista corológico sobre a formação diferenciada da natureza e da cultura em diferentes pontos [*Stellen*] da superfície terrestre. A Geografia de *Karl Ritter* está absolutamente direcionada nesse sentido. Isso fica pronunciado de maneira mais clara nas palavras introdutórias de seu belo artigo sobre o elemento histórico na ciência geográfica (Tratados, p.53)⁴ quando diz: “As ciências geográficas têm a ver preferencialmente com os espaços da superfície terrestre, desde que sejam apresentados de um ponto de vista

³ Todos os termos alemães entre colchetes e em itálico estarão antecidos pelo vocábulo de semântica similar na língua portuguesa. Eles foram por nós introduzidos para auxiliar na melhor compreensão do texto. No presente caso, optamos em traduzir *Land* (no plural *Länder*), o que em português significa “país”, por “região(ões)”. Com a escolha do termo *Land*, Hettner tentava simular uma continuidade com a tradicional Geografia Regional alemã, a qual figurava sob o nome *Länderkunde* (literalmente Ciência dos Países, aqui traduzida por Ciência Regional). Mas enquanto a *Länderkunde* dividiu a Terra de forma positivista em continentes e países, Hettner, com sua intenção teórica e idiográfica, entendeu o termo *Land* de forma mais abrangente, utilizando outras conotações semânticas do vocábulo em alemão. Em Alemão, *Land* aparece, além de em nomes de países como *England* (Inglaterra) ou *Finnland* (Finlândia), também em nomes de regiões como, por exemplo, *Schwäbisches Oberland* (Alta Suábia), ou até em tipos de propriedade ou uso, como *Ackerland* (uma área ou pedaço de terra para a agricultura). Com essa concepção hettneriana, não existe mais uma clara diferença entre área/zona, país e região, o que quase impossibilita uma tradução adequada. Mas, por outro lado, Hettner insistia numa clara terminologia para sua Geografia e, nesse sentido, os tradutores tiveram que optar por uma solução unitária, o que sempre inclui perdas semânticas. Na nossa opção, por exemplo, perde-se o posicionamento escalar do *Land* entre continentes e paisagens, já que o termo “região” e o termo “paisagem” ficam semanticamente bem próximos um do outro. (N.T.)

⁴ Na época de Hettner não existiam ainda convenções fixas para citações. Por isso, muitas de suas alusões se fazem apenas a especialistas. No entanto, buscamos resgatar suas fontes, onde o autor nos forneceu pistas a seu respeito. No presente caso, deve se tratar de RITTER, Carl. *Einleitung zur allgemeinen vergleichenden Geographie, und Abhandlungen zur Begründung einer mehr wissenschaftlichen Behandlung der Erdkunde*. Berlin: Reimer, 1852. A página indicada, contudo, deve se referir a uma edição diferente. (N.T.)

terreno⁵, portanto, com descrições e relações de simultaneidade [*Nebeneinander*] das localidades [*Örtlichkeiten*]. Elas se diferenciam destarte das ciências históricas que têm de investigar e apresentar a sequencialidade [*Nacheinander*] dos eventos ou a sucessão e o desenvolvimento das coisas (...).” Após a confusão metodológica que *Oskar Peschel*⁶ introduziu em nossa ciência por meio da admissão da Ciência Astronômica da Terra [*astronomische Erdkunde*] e das disciplinas geofísicas, concomitantemente a sua renovação marcante da Geografia Física, *F. v. Richthofen* retomou expressamente o ponto de vista corológico da Geografia (ver referência acima, p. 106)⁷, e mesmo muitos metodólogos que definem a Geografia como Ciência da Terra ou lhe conferem um caráter dualístico, colocam de fato em primeiro plano a investigação corológica.

A Geografia não é a Ciência Geral da Terra [*allgemeine Erdwissenschaft*]; todavia, também a definição escolhida por Richthofen como Ciência da Superfície Terrestre [*Wissenschaft von der Erdoberfläche*]⁸ não é feliz e deu origem a muitas concepções falsas. Investigações da superfície terrestre como um todo, isto é, sem referência às diferenças locais, ainda não são geográficas; ao contrário, a Geografia é apenas a Ciência da Superfície Terrestre relativa às suas diferenças locais, dos continentes, das regiões [*Länder*], das paisagens e localidades. O termo Ciência Regional [*Länderkunde*]⁹ caracterizaria melhor esse conteúdo do

⁵ Optou-se aqui por traduzir o adjetivo *irdisch* por “terreno” em vez de “terrestre” justamente para chamar a atenção do leitor para a carga religiosa das concepções de Ritter. (N.T.)

⁶ PESCHEL, Oskar. *Physische Erdkunde*, nach den hinterlassenen Manuskripten Oskar Peschel's selbständig bearbeitet und herausgegeben von Gustav Leitpoldt. 2 Vols. Leipzig, Dunker & Humblot, 1879-1880. – Trata-se de uma reelaboração de aulas e de manuscritos do geógrafo. (N.T.)

⁷ Hettner faz alusão na p. 106 às duas fontes: RICHTHOFEN, Ferdinand von. *Aufgaben und Methoden der heutigen Geographie*. Akademische Antrittsrede, gehalten in der Aula der Universität Leipzig am 27. April 1883. Leipzig (a famosa aula inaugural do autor quando de seu ingresso como catedrático na Universidade de Leipzig) e RICHTHOFEN, Ferdinand von. *Die heutigen Aufgaben der wissenschaftlichen Geographie*. In: *F. v. Richthofen: China* Vol. 1, Berlin, 1877, p. 729-733. (N.T.)

⁸ Uma Ciência Geral da Terra englobaria os conhecimentos da Geografia, Geologia e Geofísica. (N.T.)

⁹ Optamos por traduzir o termo *Länderkunde* como Ciência Regional, cf. nota 3. Ocasionalmente, pode-se encontrar na literatura de língua portuguesa sua tradução por Geografia Regional. Vale ressaltar, contudo, que o projeto de uma *Länderkunde* não deve

que o termo Ciência da Terra [*Erdkunde*]¹⁰, o qual era inteiramente inofensivo na boca de Ritter, mas induzia os novos metodólogos a concepções teóricas falsas sobre a essência da Geografia [*Geographie*]. Não se pode pensar apenas na [p. 123] Ciência Regional Especial [*Besondere Länderkunde*], isto é, na descrição das regiões [*Länder*] e das paisagens individuais, mas concomitantemente na Ciência Regional Geral Comparativa [*allgemeine vergleichende Länderkunde*].

Se o caráter essencial da investigação geográfica¹¹ consiste no fato de que ela é corológica, não se pode falar ainda assim de um *método* corológico e colocá-lo ao lado de outros métodos da descrição ou pesquisa. A palavra “método”, quando não se quer ampliar seu sentido de forma exagerada, sempre significa o caminho em direção a um objetivo – porém, não é o caminho que é corológico, mas sim o objetivo, o próprio objeto da Geografia¹². Isso implica na concepção da realidade terrestre sob o aspecto

ser confundido com o projeto vidaliano de uma *Géographie Régionale* apresentada em seu “*Tableau de la géographie de la France*” (1903), menos ainda com a Geografia Regional que é produzida hoje na Alemanha. (N.T.)

¹⁰ Desde o início da Geografia acadêmica na Alemanha existem duas palavras para a disciplina: *Geographie* e *Erdkunde*. *Erdkunde* (tradução literal: conhecimento da terra) se refere mais aos conteúdos de conhecimento geral, *Geographie* é um termo claramente científico e acadêmico. Em geral, uma *Kunde*, como *Erdkunde*, *Landeskunde*, *Länderkunde*, *Sozialkunde*, tem um apelo mais popular, enquanto as *Wissenschaften*, que muitas vezes terminam com *-logie* ou com *-graphie* têm um apelo acadêmico e científico. Mas é importante ter clareza que, ao introduzir a expressão *Erdkunde*, Ritter queria distinguir seu projeto de Geografia do projeto de Kant de uma *Physische Geographie*, bem como do projeto de Humboldt de uma *physische Weltbeschreibung*. Trata-se, portanto, de projetos de Geografia distintos. (N.T.)

¹¹ O termo *geographische Betrachtung* (no sentido de observação) indica, além da simples observação, também uma perspectiva científica de investigação (abordagem). Consequentemente, optamos pela tradução “investigação geográfica”. (N.T.)

¹² A presente passagem é extremamente importante para entender o que Hettner entende por corológico, isto é, o objeto da Geografia, e não o seu método. A infeliz tradução adotada por Carl Sauer em *The Morphology of Landscape* (1925) e amplamente divulgada por Hartshorne em seu clássico *The nature of Geography* (1939) para resumir a proposta de Hettner como *areal differentiation* (nas traduções brasileiras geralmente aparece como “*diferenciação de áreas*”) levou muitos geógrafos a interpretar que a Geografia, para Hettner, seria a ciência da diferenciação de áreas, enquanto Hettner buscava na sua abordagem os objetos concretos. O próprio Hartshorne, ao publicar, vinte anos mais tarde *Perspectives on the nature of Geography*, para rebater as críticas suscitadas por seu livro, desfaz os erros de interpretação causados por esta tradução, admitindo a infelicidade da

da organização espacial, ao contrário da concepção da realidade própria às ciências sistemáticas sob o aspecto da diferencialidade material e da concepção própria às ciências históricas sob o aspecto do decorrer do tempo. A investigação geográfica não pode de modo algum ser diferente do que ser corológica, assim como a investigação historiográfica não pode ser diferente do que ser histórica e a investigação sistemática diferente do que ser material. A investigação da realidade sob um determinado ponto de vista não é propriedade apenas da Geografia, mas sim de cada ciência.

Se se trata, aqui, apenas de uma mudança lógica que inseriu certa obscuridade no modo da expressão metodológica, assim também a essência da investigação corológica foi frequentemente concebida de modo errôneo. O próprio *Marthe*¹³ que, seguindo Richthofen, fez a primeira tentativa de uma definição nítida da perspectiva corológica, sucumbiu a essa concepção incorreta, na medida em que tratou a Geografia como a ciência do Onde das coisas. O Onde das coisas está para a divisão e a distribuição local, assim como o seu Quando está para o aparecer temporal, ou seja, é uma característica, uma propriedade das coisas ou dos processos, isto é, das unidades que são formadas com base na relação material, e tem que ser incluída necessariamente pelas ciências sistemáticas – que têm a ver com as unidades formadas com base nas relações materiais – na área de sua pesquisa e apresentação.¹⁴ Botânica e Zoologia não podem renunciar a conhecer os lugares e as áreas de vida das espécies vegetais e animais, a Mineralogia deve se referir às jazidas dos minerais, a Economia Nacional às formações econômicas. O ponto de vista histórico e o geográfico se tornam apenas decisivos quando o tempo ou o espaço são destacados,

expressão. Ver HARTSHORNE, Richard. O que se entende por Geografia como diferenciação de áreas. In.: *Propósitos e Natureza da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1978, p.13-22. (N.T.)

¹³ MARTHE, Friedrich. Begriff, Ziel und Methode der Geographie und v. Richthofen's China, Bd I. In: *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* Vol. 12, 1877, S. 422-478. (N.T.)

¹⁴ Essa frase, no original, é: *Das Wo der Dinge ist, ebenso wie ihr Wann, die örtliche Verteilung und Verbreitung ist, ebenso wie das zeitliche Auftreten, ein Merkmal, eine Eigenschaft der Dinge oder Vorgänge, d. h. der auf Grund der dinglichen Beziehung gebildeten Einheiten, und muß notwendigerweise von den systematischen Wissenschaften, die es mit den auf Grund der dinglichen Beziehungen gebildeten Einheiten zu tun haben, in das Bereich ihrer Forschung und Darstellung einbezogen werden*. A estrutura da frase em alemão não é completa – assim, trata-se de uma tentativa dos tradutores de compreender seu sentido. (N.T.)

formando a ligação unificadora na investigação científica. Como a História tem que investigar o caráter dos diferentes tempos, assim a [p. 124] Geografia tem que investigar o caráter de diferentes espaços e localidades, “o preenchimento terreno¹⁵ dos espaços da Terra”, para utilizar a expressão de *Ritter*, levando em consideração os continentes, as regiões [*Länder*], as paisagens e as localidades enquanto tais. *Wallace*¹⁶ – em sua obra fundamental sobre a distribuição do mundo animal – destacou de forma nítida e correta essa diferencialidade dos pontos de vista, na medida em que designou a teoria da distribuição de ordens, famílias, gêneros, espécies individuais de Zoologia Geográfica, enquanto a teoria da disposição diferenciada das regiões [*Länder*] com animais era designada de Geografia Zoológica, ou simplesmente como Geografia dos Animais. A mesma diferença existe entre a Botânica Geográfica (ou simplesmente Geobotânica) e a Geografia das Plantas, entre uma Topografia dos Minerais, que pertence à Mineralogia, e uma Geografia dos Minerais. Também as formas da superfície terrestre, os tipos de solo, as águas, os movimentos e estados da atmosfera, podemos compreender em sua distribuição, para complementar e completar o conhecimento de sua essência; mas enquanto nossa atenção está direcionada para os fenômenos enquanto tais, nós ficamos no âmbito das ciências sistemáticas. Apenas quando nós a concebemos enquanto características dos espaços terrestres, nós praticamos Geografia.

De grande importância é também a diferenciação em relação ao Homem. Pesquisas sobre a distribuição de uma ferramenta, de uma arma ou de uma coisa em geral ou ainda de uma determinada tradição, são designadas abusivamente de antropogeográficas, mas elas são em primeiro lugar etnológicas, mesmo quando podem receber indiretamente significação antropogeográfica. Isto porque, primeiramente, não é a região [*Land*], mas sim o objeto referido ou o povo enquanto possuidor e portador deste objeto que, no caso, interessa-nos. O conhecimento da distribuição geográfica de produções ou produtos individuais pertence às Ciências da Produção Econômica ou à Ciência das Mercadorias e pode ser tratada como Ciência Geográfica dos Produtos; ao contrário, a Geografia Econômica trata das características e relações econômicas das diferentes regiões [*Länder*] e localidades. Semelhantemente separam-se as tarefas da Geografia daquelas das ciências sistemáticas também no caso de outros

¹⁵ Ver nota 5. (N.T.)

¹⁶ Alfred Russell Wallace publicou inúmeras obras sobre Geografia zoológica, principalmente do sudeste asiático. (N.T.)

fenômenos do Homem. Embora ambos os modos de investigação se entrossem de forma múltipla na pesquisa, eles são diferentes no seu objetivo, e deveriam ser diferenciados um do outro na sua forma de apresentação. Até agora, o ponto de vista material ainda se sobrepõe demasiadamente dentro da Geografia. Muitas vezes, seu modo de investigação se concentra ainda na distribuição geográfica das coisas individuais, em vez de focalizar no preenchimento do espaço e no caráter das regiões [*Länder*] e das localidades. Mas a Geografia não deveria ser a ciência da distribuição local dos diferentes [p. 125] objetos, mas sim a do preenchimento dos espaços. Ela é *Ciência do Espaço* [*Raumwissenschaft*], tal como a História é Ciência do Tempo¹⁷.

B. Natureza e Homem na Geografia

Nos tempos mais antigos a Geografia era completamente concentrada no Homem, isso por ter sido quase exclusivamente exercida no interesse prático da administração estatal e da vida cotidiana e pela concepção de Natureza ter sido ainda pouco adequada. Também em Karl Ritter, a quem se deve mais do que a outros a fama de ter libertado a Geografia daquele caminho e tê-la feito uma ciência pura, ela ficou mesmo assim presa numa certa focalização no Homem, uma focalização que era bastante parcial e pensada mais ou menos teleologicamente. E mais do que no próprio Karl Ritter, isso parece ter sido o caso em sua escola. A natureza das regiões [*Länder*] não se formou como objeto da Geografia em si, mas apenas direcionado ao Homem, sendo a superfície terrestre estudada apenas enquanto morada e escola do Homem. Tal limitação do seu conteúdo foi possível logicamente apenas do ponto de vista da então dominante teleologia e perdeu sua base lógica com a dominação da investigação causal. A natureza das regiões [*Länder*] existe primeiramente para si¹⁸ mesma e tem que ser considerada e entendida para si. O Homem se desenvolve na Natureza e numa dependência da Natureza, sendo essa dependência avaliada como mais acentuada por alguns pesquisadores e

¹⁷ Esses detalhamentos provenientes do meu artigo sobre Essência e Método da Geografia (*Geographische Zeitschrift*, p.557), os quais também repeti em outro lugar, não foram percebidos por *Krebs* quando ele insinua tal concepção que eu refuto (*Geographische Zeitschrift für Erdkunde* 1923, p. 83, Nota 1).

¹⁸ Tal afirmação referenda nossa observação na nota 12. Sobre esse ponto também incide a terceira crítica feita por Wardenga em *Geographie als Chorologie* (1985, p.16) ao pensamento de Hettner, a saber, a da ontologização e hipostasiação de espaços. (N.T.)

menos acentuada por outros. Ela consiste em influências que o Homem sofre e em estímulos e motivos através dos quais suas ações são desencadeadas. Mesmo quando aceitamos deterministicamente que estas são configuradas definitivamente por meio da soma de estímulos e motivos, isto é, que o Homem se enraíza com toda sua essência na Natureza, mais especificamente na natureza das regiões [*Länder*] e das localidades individuais, não podemos colocá-las no centro e como objetivo da investigação geográfica – tal como alguns novos metodólogos quiseram fazê-lo, numa recaída em intuições metodológicas superadas –, mas sim apenas ao lado dos fenômenos da natureza.

Mas aí surgiu, enquanto reação, uma outra unilateralidade. Nas considerações finais do primeiro volume de sua grande obra sobre a China, *Richthofen*¹⁹, o até então geólogo, declarou como a tarefa genuína da Geografia a observação da crosta terrestre firme e opinou que todos os outros fenômenos fossem considerados apenas segundo o grau de sua dependência da crosta terrestre firme. Essa concepção – que talvez tenha sua raiz nas pesquisas das cordilheiras americanas – repercute ainda hoje e novamente nos foi alimentada através da influência do americano *Davis*.²⁰ Ela, porém, contradizia desde o início a evolução histórica da ciência, na qual o conhecimento da crosta terrestre firme sempre tivera um papel importante, mas nunca decisivo. Não é adequado à grande tarefa da Geografia ser uma Ciência Regional Geral [*Allgemeine Länderkunde*], isto é, ser um conhecimento abrangente da superfície terrestre, e o próprio *Richthofen* logo rompeu as barreiras dessa concepção, na verdade já no mesmo livro em que a pronunciou²¹, mas por completo, em sua aula inaugural em Leipzig. Era uma ideia metodológica equivocada, quase mesmo impossível, atribuir a uma ciência enquanto objeto – em vez de uma determinada sequência de fatos –, a investigação de efeitos de outra sequência de fatos, efeitos que sempre compõem apenas uma parte dos fatos existentes e observados, e dos quais estes têm que ser extraídos através de investigação analítica. Assim, a ciência abdicaria, sim, da descrição de seus objetos, sem os quais a concepção causal ficaria no ar; ela teria diante de si um acervo incompleto e desfiado de fatos.

¹⁹ Veja Nota de rodapé 7. (N.T.)

²⁰ A teoria do “ciclo geográfico” de William Morris Davis era uma das mais discutidas na época de Hettner. Cf. o capítulo 4 em Ute WARDENGA. *Geographie als Chorologie*. Stuttgart: Steiner, 1995. (N.T.)

²¹ Ver nota 7. (N.T.)

A Geografia não pode se limitar a nenhum reino específico da natureza ou do espírito, mas sim tem que abranger simultaneamente todos os reinos da Natureza e o Homem. Ela não é nem ciência da natureza nem do espírito²² – eu utilizo ambas as palavras no sentido comum –, mas sim ambas ao mesmo tempo. Kirchhoff²³ e semelhantemente H. Wagner²⁴ a denominaram uma “ciência da natureza com elementos históricos integrados”; isto é correto, mas eles poderiam tê-la denominado também de ciência humana com elementos integrantes das ciências da natureza. Natureza e Homem pertencem à característica das regiões [*Länder*] e numa ligação tão estreita que eles não podem ser separados um do outro. Em algumas regiões [*Länder*] o Homem se destaca mais, em outras menos; em algumas, o pesquisador se volta preferencialmente à Natureza, em outras ao Homem. Assim, o elemento humano na Geografia é às vezes maior, às vezes menor. Teoricamente pode-se colocar o Homem apenas como *um* reino ao lado dos três reinos da natureza inorgânica e dos dois reinos da natureza orgânica. De fato, o Homem exigirá na maioria das vezes um tratamento mais intenso do que cada um deles individualmente, tratamento este que equivalha mais ou menos ao da natureza no todo.

Essa investigação unificadora de natureza e humanidade na Geografia não é “dualística” como a unificação da Natureza e do Homem na Ciência Geral da Terra [*Allgemeine Erdwissenschaft*]; pois o discurso de um dualismo só pode ter razão quando a unificação de diferentes coisas introduz para *uma* ciência divergência de concepções e ambivalência. Mas a concepção geográfico-regional ou corológica da Natureza e do Homem [p. 127] é igual em todos os pontos essenciais, como veremos mais tarde, e não conduz de modo algum para duas partes diferentes de Geografia.

²² Quando da publicação deste texto, o pensamento filosófico e científico alemão encontrava-se altamente influenciado pelas diferentes correntes neokantianas. São mencionadas por Hettner tanto a divisão que aqui aparece entre as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), proposta pelo filósofo Wilhelm Dilthey (1833-1911), quanto a divisão proposta pela escola neokantiana de Heidelberg (onde Hettner trabalhara), cujos expoentes foram Windelband und Rickert, entre ciências naturais (*Naturwissenschaften*) e ciências culturais (*Kulturwissenschaften*). (N.T.)

²³ KIRCHHOFF, Alfred. *Bemerkungen zur Methode landeskundlicher Forschungen*. In: Verhandlungen des 4. Geographentages in München. Berlin: Reimer, 1884, p. 148-155.

²⁴ WAGNER, Hermann. *Der gegenwärtige Standpunkt der Methodik der Erdkunde*. In: Geographisches Jahrbuch 7, 1878, p. 550-636; 8, 1980, p. 523-589; 9, 1982, p. 651-700; 10, 1884, p. 539-646, 12, 1888, p. 409-457; 14, 1890-1, p. 371-462

A posição da Geografia entre – ou dito mais corretamente – de maneira simultânea em ambas as ciências da natureza e do espírito, está ligada sem dúvida a certas insuficiências. Tanto nas faculdades de filosofia como nas de ciências da natureza o geógrafo é visto facilmente como um estranho²⁵. Frequentemente é difícil aos discípulos da Geografia que são procedentes do lado das ciências naturais assimilar a pré- formação das ciências culturais, e ainda é mais difícil – devido a nossa formação escolar unilateral – aos procedentes das ciências do espírito assimilar a pré- formação das ciências da natureza. A Geografia compartilha, contudo, essa posição intermediária com outras ciências – a saber, com a própria Filosofia – e deve a ela agora seu grande valor para a nossa formação [*Bildung*]²⁶ geral, valor que ela, não quero dizer possui, mas poderia possuir e, no futuro, possuirá, se nós não a tratarmos tanto como Cinderela, formando, a saber, uma ponte entre as duas direções da nossa vida intelectual que aqui divergem e até facilmente se separam.

Que se tenha de considerar Natureza e Homem em paridade na Geografia, é questionado apenas por aqueles que estão de fora e jamais se envolveram em problemas geográficos ou que lidaram apenas com uma parte da Geografia; contudo, os próprios geógrafos quase unanimemente o reconhecem e, dependendo do caso, tomam-no de mal grado ou saudado de boa graça.

C. Geografia como Ciência do Espaço e Ciência da Paisagem

A ampliação da Geografia à Natureza e ao Homem não é nenhuma arbitrariedade, mas, sim, é fundada profundamente na essência das coisas; ela dificulta o estudo da Geografia, mas é inevitável. Porém, talvez pudesse ser possível delimitar a matéria da Geografia e nomeadamente a multiplicidade de objetos de modo diferente, evitar a aparente dispersão da matéria – como acontece facilmente ao menos com tratamento inábil – por delimitação sob determinados pontos de vista?

²⁵ Na época de Hettner, o sistema das faculdades integrava as cátedras individuais de professores; apenas nos anos 1920 se organizaram os departamentos. (N.T.)

²⁶ O vocábulo alemão *Bildung* significa a formação do conhecimento geral e da personalidade. (N.T.)

Ratzel²⁷ captou ocasionalmente – em outro lugar ele ultrapassa essa rigorosa definição conceitual – o caráter da Geografia como ciência do espaço [*Raumwissenschaft*] de um modo particularmente abstrato, na medida em que ele destaca as características puras do espaço, a saber, os comprimentos e os distanciamentos e a forma e o tamanho das superfícies em oposição às diferencialidades do conteúdo. Nesse ponto, Götz²⁸ o seguiu quando concebe a Geografia dos Transportes como ciência do distanciamento e torna a superação do espaço no decorrer do tempo o seu objeto. Outros também se posicionaram sobre o fundamento dessa [p. 128] concepção. Não posso negar o sentimento, como se nela residisse um auto-engano. O espaço enquanto tal é uma forma de intuição²⁹; ele ganha significado real apenas através de seu conteúdo! Com certa ingenuidade concebe-se a distribuição de terra e mar e a forma da superfície terrestre firme enquanto relações espaciais puras, como se não existisse nenhuma diferença nos conteúdos! Nessa concepção, o destaque sempre forte da posição, da forma e do tamanho espaciais é valiosa, em contraste à sua negligência na Ciência Geral da Terra [*allgemeine Erdkunde*]; mas a inclusão das transformações no tempo é um momento estranho, e uma concepção com essa ênfase não é geográfica, mas sim histórica.

Aparentada a essa concepção ratzeliana encontra-se uma concepção que já existia antes, embrionariamente, por exemplo, na Ciência da Paisagem [*Landschaftskunde*] de Oppel³⁰, mas que foi então defendida notadamente por Schlüter e por Brunhes³¹. Eles partem do conceito da paisagem na forma como ela se apresenta à visão, e limitam a investigação

²⁷ RATZEL, Friedrich. *Anthropogeographie*. Erster Teil: Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte. Stuttgart: Engelhorn, 1882; Zweiter Teil: Die geographische Verbreitung des Menschen. Stuttgart: Engelhorn, 1891. (N.T.)

²⁸ Götz, Wilhelm. Eine Landesdarstellung im Sinne der Länderkunde. *Geographische Zeitschrift* 1, 1895, p. 628-634. (N.T.)

²⁹ Aqui Hettner deixa claro que a concepção de espaço por ele adotada é essa do Kant da Crítica da Razão Pura, a saber, o espaço como forma pura de toda intuição sensível. Vale lembrar que esse conceito é concebido por Kant diversas vezes e de maneira radicalmente diferente ao longo de toda a sua produção. (N.T.)

³⁰ OPPEL, Alwin. *Landschaftskunde*. Versuch einer Physiognomik der gesamten Erdoberfläche. Breslau: Hirt, 1884. (N.T.)

³¹ Schlüter, *Die Ziele der Geographie des Menschen*, München, 1906. Brunhes, *Géographie humaine*, 1. Aufl., Paris, 1910. Ver minha crítica no *Geographische Zeitschrift*, 1907, p. 627.

geográfica às coisas que ganham expressão em sua imagem exterior.³² Como veremos, este é um ponto de vista legítimo para um recorte da Geografia que podemos denominar de Geografia Estética³³, mas que também não pode desconsiderar inteiramente os tons e os odores na paisagem. No conjunto, entretanto, a Geografia não pode ser tão parcial; ela não pode, por exemplo, conceber o solo apenas segundo sua cor ao invés de concebê-lo segundo suas propriedades físicas e químicas, não pode se limitar, no que se refere ao clima, à cor do céu e à cobertura de nuvens, não pode abandonar na investigação dos mundos vegetal e animal as diferenças florísticas e faunísticas, só porque estas se destacam pouco na imagem da paisagem.

Na verdade, Schlüter e Brunhes não querem, de modo algum, descartar essas coisas da Geografia, mas sim trazê-las novamente para o seu interior pela porta dos fundos. O que eles procuram é a restrição do elemento humano aos fenômenos sensivelmente perceptíveis na Geografia, é a exclusão do elemento espiritual-intelectual³⁴ [*Geistigen*], no qual estão incluídos também os povos e os Estados³⁵. Certamente há sempre o perigo de que a Geografia abandone sua própria base e divague em áreas vizinhas. Certamente a aspiração por [p. 129] um limite é justificada. Mas esse limite não pode ser encontrado na diferenciação entre o sensivelmente perceptível [*sinnlich Wahrnehmbaren*] e o puramente espiritual-intelectual [*rein Geistigen*] que, na verdade, também é perceptível sensivelmente, embora em escala menor. Pois quando se abandona o elemento espiritual-intelectual [*das Geistige*], perdem-se, assim, da Geografia justamente áreas que ela cuidou com zelo especial desde os tempos antigos, como a Geografia Política, a Geografia do Povoamento e, na verdade, também a

³² A concepção da ciência da paisagem de Passarge é obscura e contraditória; ela segue no primeiro volume de sua obra à concepção de Schlüter, mas recebe nos volumes seguintes um conteúdo adicional de modo que ela não é nada diferente da Ciência Regional comum. Ver minha crítica no *Geographische Zeitschrift*, 1923, p. 49pp.

³³ Essa Geografia Estética aparece em vários lugares desta obra, geralmente no final dos capítulos. Ela faz alusão a um debate acirrado sobre a representação e apresentação do objeto da geografia. (cf. o artigo dos tradutores neste número). (N.T.).

³⁴ O adjetivo *geistig* bem como suas formas substantivadas *das Geistige* e *Geistigen*, que se remetem ao substantivo *Geist*, é de difícil tradução para o português em função da longa tradição deste conceito no pensamento filosófico, podendo ser traduzido por espiritual, intelectual e mental. (N.T.)

³⁵ Observa-se aqui o discernimento do autor entre país/região “*Land*” e Estado “*Staat*”. (N.T.)

Geografia dos Transportes e do Comércio, pois uma Geografia das Rotas não é nenhum substituto para uma Geografia dos Transportes e do Comércio. Também a conexão causal interna das coisas é interrompida, a Geografia do Homem [*Geographie des Menschen*] torna-se uma colcha de retalhos. Assim, então, *Schlüter* mais tarde fez até uma concessão, sob a impressão do interesse geográfico-político despertado com força na Guerra Mundial, e admitiu a Geografia Política e ainda mais a Geografia das Comunidades Humanas [*Geographie der menschlichen Gemeinschaften*], pelo menos num círculo externo da Geografia. E *Brunhes* até escreveu um livro sobre Geografia Política. Mas, como eles, então, definiram realmente o conceito dessa Geografia ampliada? Há de fato ainda uma oposição essencial à nossa concepção?

D. A aplicação da concepção corológica

A uniformidade da Geografia no sentido de uma ciência corológica ou geográfico-regional não pode, portanto, ser extraída da unidade da imagem da paisagem, mas apenas ser fundada na *essência*³⁶ interna das regiões [*Länder*], das paisagens e das localidades. Esta essência repousa sobre dois contextos que correspondem, logicamente, a duas condições determinantes para uma investigação histórica específica das coisas. O primeiro contexto é a diferencialidade de lugar para lugar, junto com a conexão espacial das coisas situadas uma ao lado da outra, correspondente ao decorrer temporal e à interconexão dos eventos consecutivos, quer dizer, a existência de complexos e sistemas geográficos como, por exemplo, sistemas fluviais, sistemas de circulação atmosférica, de áreas de trânsito [*Verkehrsgebiete*] e outros. Nenhum fenômeno da superfície terrestre pode ser pensado apenas para si – ele só se torna compreensível por meio da concepção de sua posição em relação a outros pontos da Terra [*Erdstellen*]³⁷. O segundo contexto é a conexão causal dos diferentes reinos da natureza e de seus diferentes fenômenos que são unificados num ponto da Terra [*Erdstelle*]. Fenômenos que carecem de tal conexão com os outros fenômenos do mesmo ponto da Terra [*Erdstelle*] ou cuja conexão não reconhecemos, não fazem parte da investigação geográfica. Contudo, aptos [p. 130] e requisitados [a tal concepção] são aqueles fatos da superfície

³⁶ Ver notas 12 e 18.

³⁷ Optamos pela tradução pontos da terra para *Erdstellen*, o que define pontos geométricos na superfície terrestre. (N.T.)

terrestre que se diferenciam pelo local e cuja diferencialidade local é significativa para outros ambientes fenomênicos, que, como também se diz, são geograficamente eficazes.³⁸ O objetivo da concepção corológica é o conhecimento do caráter das regiões [*Länder*] e das localidades a partir da compreensão do estar-junto [*Zusammenseins*³⁹] e atuar-junto [*Zusammenwirkens*⁴⁰] dos diferentes reinos da natureza e de suas diferentes formas fenomênicas, e a concepção de toda a superfície terrestre em sua divisão natural em continentes, regiões [*Länder*], paisagens e localidades.

A essência da Geografia reside apenas na aplicação de ambos os pontos de vista [contextuais]. Em quem essa aplicação não penetrou na carne e no sangue, este não captou o espírito da Geografia, assim como um historiador não atinge o espírito da História enquanto não se questiona pelo decorrer temporal das coisas e pela conexão interna das diversas sequências de desenvolvimento. Nessa concepção, entretanto, a escolha da matéria pressupõe uma reflexão prévia sobre a conexão causal dos fenômenos; com o avanço do conhecer, sequências inteiras de fatos da Geografia podem ser ganhas ou perdidas e, conforme cada apreciação das conexões causais que é subjetivamente diferenciada, o âmbito da investigação geográfica será concebido diferentemente. Tais oscilações, contudo, encontramos também junto às ciências históricas e sistemáticas e não se pode depreender delas nenhuma objeção contra o denominado princípio de escolha de suas matérias. Esta [escolha] também não se refere a fatos individuais, mas sim, sempre, a sequências de fatos inteiras, as quais aprendeu-se a conceber enquanto causas ou efeitos de outras sequências de fatos geográficos. A Geografia grava os fatos individuais não apenas no momento em que reconhece sua condicionalidade geográfica, mas sim constata suas relações geográficas de forma descritiva desde o início, antes de abordar a investigação causal – e facilmente pode acontecer que ela deva mencionar fatos cujas conexões causais ainda lhe são obscuras.

³⁸ O termo alemão *Wirklichkeit*, traduzível por “realidade”, não se contrapõe apenas à ficcionalidade, mas também à realidade dos fatos simples, porque contém uma associação ao verbo *wirken* como “ter efeito” e ao substantivo *Wirkung*, “efeito” causado por uma *Ursache*, “causa”. Assim, associa também uma rede de efeitos em contraposição a um conjunto de fatos. (N.T.)

³⁹ Chamamos a atenção para a dupla conotação do verbo alemão *sein*, compreendendo o que no português seria tanto o verbo estar quanto o verbo ser. (N.T.)

⁴⁰ No sentido de cooperar, de causar efeito um no outro. Ver também explicação do radical *-wirken* na nota 38. (N.T.)

A multiplicidade da matéria é evidentemente grande nessa concepção e torna-se cada vez maior, pois no avanço do conhecer revela-se cada vez mais em sequências de fatos uma condicionalidade na natureza da localidade e, com isso, um caráter geográfico. A Geografia atual compreende tanto processos como formas e relações materiais, tanto fatos da vida intelectual como da natureza; mas ela compreende todos estes objetos somente, sempre, sob o ponto de vista corológico e pode, por conseguinte, passar indiferentemente por muitas características e propriedades que talvez sejam as mais importantes para as ciências materiais e históricas. Ela não pode deixar de lado nem todas as relações, que são iguais por toda parte na Terra, ou aquelas que não deixam transparecer nenhuma regra de distribuição de suas diferenças locais [p. 131], nem aquelas coisas cujas diferenças locais não têm, até onde sabemos, nada a ver com outros ambientes fenomênicos. Do mesmo modo como mal se arranjará um lugar na Ciência Regional [*Länderkunde*] para o magnetismo terrestre, assim também a ocorrência dos minerais não será nenhum objeto da Geografia, apesar da existência de uma Topografia dos Minerais, e apenas alguns poucos minerais deveriam ser concebidos por ela em função de sua importância para o Homem. É verdade que se pensou que esta referência do valor para o Homem introduziria um ponto de vista externo na Geografia, mas essa referência como tal é apenas um caso [específico] da regra geral que afirma que a importância de um fenômeno para outros ambientes fenomênicos é decisiva para a escolha da matéria geográfica. As classes inferiores das plantas e animais podem ser excluídas quase por completo da investigação geográfica, porque elas se distribuem na maioria das vezes pela Terra inteira e também contribuem pouco ao caráter da paisagem. Apenas certas relações gerais da vida do Estado, do povo e da sociedade, da cultura material e intelectual-espiritual [*geistigen Kultur*] revelam claramente a conexão com a natureza das regiões [*Länder*], enquanto que a formação individual dessas relações, por exemplo, os detalhes da constituição e da administração, da organização da vida econômica, social e intelectual-espiritual [*geistigen Lebens*], os produtos individuais da arte, da literatura e ciência etc., pouco são condicionados geograficamente; ao contrário, eles podem estar formados do mesmo modo por toda parte e, assim, também não são geograficamente eficazes. Nomeadamente as personalidades [históricas] não fazem parte da investigação geográfica, porque pouco do meio ambiente geográfico [*geographische Umwelt*] nelas influi, e isso não toca no cerne da personalidade. As obras humanas, as quais à primeira vista sempre são ações de personalidades individuais, só podem ser concebidas

geograficamente sob a desconexão dessas ações e sob atribuição imediata às mais profundas causas nas quais se baseiam.

E. A concepção do Tempo

Assim como todas as coisas da natureza e do espírito [*Geist*], também todas as épocas podem formar o objeto da investigação geográfica. Porém, a Geografia como investigação do presente foi contraposta à Geologia como investigação do passado. Mas deste modo a oposição está concebida de maneira incorreta, pois de qualquer forma pode haver tanto uma investigação geográfica de períodos passados quanto do presente em si. E há, sim, de fato, uma Geografia Histórica e uma Paleontologia. A diferença essencial não reside no fato de que a Geografia prefere um determinado tempo, justamente o presente, mas sim no fato de que para ela o tempo em geral passa para o segundo plano, [p. 132] de que ela não persegue o decorrer do tempo como tal – embora essa regra metodológica não seja de todo desconsiderada –, mas que ela constrói para um determinado momento uma média temporal da realidade e emprega a evolução temporal apenas para a explicação da situação naquele tempo definido. Ela necessita de uma concepção genética, mas não pode se tornar História.

Quando se sentiu corretamente a necessidade de abstrair-se do decorrer temporal enquanto tal, quis-se estabelecer nomeadamente na Geografia do Homem [*Geographie des Menschen*]⁴¹ a tarefa da Geografia de que ela deve conceber apenas o constante temporal, “o permanentemente eficaz” em oposição às transformações históricas. Porém, um constante temporal deste tipo, um permanentemente eficaz não existe – apenas uma parte das transformações temporais resulta em oscilações em torno de um ponto nulo, as outras mostram evolução progressiva, na qual o tipo de dependência geográfica às vezes quase se inverte. Uma imagem temporal média ou uma imagem que abstraísse o temporalmente mutável é, por conseguinte, apenas possível para aquelas [que resultam em oscilações em torno de um ponto nulo], não para estas [que mostram evolução progressiva]. A investigação geográfica sempre tem que ser direcionada para um determinado tempo.

⁴¹ Alusão a SCHLÜTER, Otto. *Die Ziele der Geographie des Menschen*. Munique, Berlim: Oldenbourg, 1906. (N.T.)

Portanto, também a questão sobre qual espaço de tempo ela deveria abranger – se deveria ser apenas o tempo genuinamente histórico ou o tempo do homem em geral – é desnecessária. Pois, abstraído do fato de que um ponto de vista externo é trazido para dentro de nossa ciência com a fundamentação da determinação temporal sobre as relações do homem, o abarcamento de um espaço de tempo mais longo só será possível na investigação corológica ou espacial, quando as relações não se transformarem ou apenas se transformarem em coisas insignificantes, indiferentes. Por conseguinte, ela é muito diferente diante de diferentes fenômenos. Em relação à estrutura interna da crosta terrestre firme, a investigação geográfica deveria, geralmente, começar já no período do Terciário Médio, no qual, em grande parte, tiveram início as transformações decisivas para a estrutura atual. Na remodelação superficial da crosta terrestre firme, do clima, dos mundos vegetal e animal, as transformações também foram tão grandes num tempo geológico jovem que elas demandam narrativa histórica e podem ser concebidas pela Geografia do presente apenas em seus efeitos. E na Geografia do Homem [*Geographie des Menschen*] cada década e cada ano acarretam transformações tão grandes que o conceito do presente geográfico ou, dito de modo mais geral, da média temporal que fundamenta a investigação, tem que ser concebido de forma bastante reduzida.